Dia 13 — Santa Radegunda, Rainha da França

Santa Radegunda, muito mais ilustre pelo mérito de santa do que pelo título de rainha da França, foi filha de Bertário, rei da Turíngia, e nasceu no princípio do século VI. Estando para morrer seu avô Basino, rei da Turíngia, deixou repartidos seus Estados entre seus três filhos, Baderico, Hermanfredo e Bertário. Casou Hermanfredo com Amalaberga, sobrinha de Teodorico, rei dos godos na Itália, princesa cheia de ambição e de crueldade, a qual, desejosa de reinar só, induziu o rei seu marido a que se desfizesse de seus irmãos. Começou por Bertário, pai de Radegunda, a quem mandou assassinar, e declarou guerra ao outro irmão, Baderico. Não se considerando com forças bastantes, pediu socorro a Teodorico, rei da França em Austrásia, oferecendo-lhe repartir com ele os Estados da Turíngia, se conseguisse despojar deles Baderico. Em virtude deste tratado, entrou Teodorico com seu exército pela Turíngia. Foi derrotado Baderico; mas Hermanfredo não quis falar de repartição. Ofendido Teodorico da má-fé, resolveu tomar vingança; e, coligado com seu irmão Clotário, rei de Soissons, entrou com ele pela Turíngia. Foi vencido Hermanfredo e perdeu a vida com seus Estados. Ficou o país à mercê dos vencedores, que voltaram à França carregados de despojos e de prisioneiros. Entre estes foi uma a terna princesa Radegunda, sobrinha de Hermanfredo e filha do rei Bertário. Contava apenas dez anos e era de tão extremada formosura e de tão raro engenho que Clotário cedeu a Teodorico tudo o que lhe cabia no despojo, contanto que lhe deixasse a princesa Radegunda. Mandou levá-la ao castelo de Athies, no Vermandois, onde a fez educar como correspondia à sua condição, dando-lhe mestres que lhe ensinassem as artes e as belas-letras.

Fez nelas maravilhosos progressos a princesa; mas onde mais se adiantou foi na ciência dos santos. Alguns escreveram que sua primeira educação foi no gentilismo; mas que, logo que ouviu falar dos mistérios de nossa religião, pediu o batismo. O que não tem dúvida é que desde logo mostrou Radegunda estar prevenida com as mais doces bênçãos do Senhor. A modéstia acrescentava novo resplendor à formosura; sobressaía em tudo sua devoção; era sua bela paixão a caridade com os pobres; suas delícias eram a oração; e, enfim, parecia ter nascido com todas as virtudes cristãs. Na leitura de livros devotos aprendeu muito depressa todos os segredos da perfeição, e a graça lhe inspirou o desejo de praticá-los. Desde os onze anos começou a macerar seu delicado corpo com frequentes jejuns e com instrumentos de penitência. Sobretudo, a virgindade era para ela de maravilhoso atrativo; e desde então resolveu não admitir jamais outro esposo senão Jesus Cristo, especialmente quando soube que este Senhor havia escolhido para mãe sua uma puríssima donzela. Cerceava de sua comida os pratos mais requintados que lhe serviam à mesa, para repartí-los depois por suas próprias mãos entre muitas meninas pobres que sustentava.

Acesa em amor de Jesus Cristo, tinha grande inveja dos mártires pela dita de terem derramado seu sangue em defesa da fé e não podia dissimular suas fervorosas ânsias pela coroa do martírio.

Parece que atendeu Deus a esta sua veemente inclinação, dispondo-lhe dentro de sua própria casa uma nova espécie de perseguição e permitindo que seus próprios criados exercitassem extraordinariamente sua paciência. Não lhes agradava aquele desprezo que fazia das diversões do mundo e de tudo o mais que tanto lisonjeia o gosto das princesas de sua elevação. Não podiam suportar tanta modéstia no traje, tanta oração nem tanto amor ao retiro. Molestavam-na cruelmente em todas as ocasiões, e às repreensões mais descompostas acrescentavam-se sempre indecentes tratamentos. Transbordava de alegria a terna princesa vendo que se lhe ofereciam tantas ocasiões de padecer, e jamais se lhe ouviu exalar a menor queixa. Mas, ao mesmo tempo, faziam muito ruído tantas belas prendas como a adornavam. Não se falava de outra coisa na corte senão da formosura, da virtude e do extraordinário mérito da princesa. Movido Clotário pelo que ouvia, quis ir vê-la e ficou tão enamorado dela que resolveu tomá-la por esposa, embora ainda fosse muito menina.

Este grande casamento, em lugar de enchê-la de gozo, causou-lhe grande aflição. Crescia sua virtude com os anos e, com a virtude, crescia a estima e o amor à virgindade. Mais queria ser virgem do que ser rainha da França; e assim a sobressaltou muito esta proposta. Mas não era fácil resistir a um príncipe que se havia feito dono de sua liberdade pelo direito das armas. Quis fugir, mas foi descoberta pelos próprios confidentes de sua fuga. Apanharam-na, levaram-na ao rei, que se casou solenemente com ela.

Ficaram com isto desconcertadas suas ideias; mas nem por isso se desconcertou sua virtude. Persuadiu-se de que podia ser esposa de Jesus Cristo ao mesmo tempo que aos olhos do mundo o fosse também de um monarca da terra. Não a deslumbrou o resplendor da coroa; prezava-se mais de cristã que de rainha, e este augusto título jamais a fez esquecer o de humilde serva de Deus. Inimiga de toda profanidade, nunca se mostrava mais modesta do que quando cumpria a obrigação de parecer magnífica; e costumava-se dizer no palácio que o único modo de fazer a corte à rainha era ser devoto.

Prosseguiu com seus piedosos exercícios, sem que os desconcertasse o trono nem a elevação. A única vantagem que achava na nova grandeza era proporcionar-lhe mais meios com que fazer bem aos pobres. A maior parte da despesa era a das esmolas. Visitava todos os dias os pobres enfermos; davam-lhe mais gosto os mais repugnantes; fazia-lhes as camas, curava-lhes as feridas e não permitia que lhes faltasse nada do que precisavam. Se não se encontrava a rainha nos hospitais, seguramente se a acharia na igreja ou em seu oratório. Não bastando o dia para suas devoções, empregava regularmente em oração uma parte da noite. Nem o rigor do inverno era bastante para resfriar seu fervor. Não contente com sustentar cada dia um prodigioso número de pobres, eram poucos os religiosos que não tivessem parte em sua caridade. Fundou um hospital no castelo de Athies, onde havia sido criada, e enriqueceu muitos mosteiros com preciosos dons de sua liberalidade.

O mais admirável da jovem e delicada princesa era o rigor com que macerava sua carne em meio às delícias da corte. Levava ordinariamente um áspero cilício debaixo das vestiduras reais, sobretudo nos dias de cerimônia. Observava todos os jejuns da Igreja com rigor pouco acostumado até nos mosteiros mais estreitos. Neles só comia uma vez ao dia, e de um só prato. Vendo-se obrigada a achar-se presente às festas públicas, nunca o fazia sem algum preservativo,

conhecendo bem seu perigo. Valia-se de mil engenhosas indústrias para tirar o gosto às diversões mais inocentes e para encontrar em tudo matéria de mortificação.

Como amava tanto a cruz, não podia privar-se dela por muito tempo. Padeceu-as muito amargas, e tanto que com razão lhe mereceram o título de esposa de Cristo crucificado. No princípio do matrimônio mostrou o rei aprovar muito suas devoções; tinha tão alto conceito de sua virtude que não lho puderam fazer mudar os cortesãos, cheios do espírito do mundo e incomodados com tanta santidade, por mais que fizessem para desacreditar a rainha. Amava-a muito e, embora sua vida fosse desordenada, não podia deixar de estimar tão raro mérito. Mas, como a da rainha era tão pura e se conformava tão pouco com ela a licenciosa que faziam as damas da corte, consideravam-na como uma muda censura de suas desordens, e tornavam-se-lhes intoleráveis tão virtuosos exemplos. Valeram-se das espécies mais feias que pôde fingir a malignidade e das mais sangrentas que pôde inventar a sátira para tornar odiosa e desprezível a virtuosa princesa. Sugeriam continuamente ao rei que os modos baixos, abatidos e demasiadamente cristãos de Radegunda desluziam muito a majestade; que mais a propósito parecia para servir num hospital que para ser respeitada do trono; e, enfim, que todos o censuravam de ter-se casado com uma beata mais que com uma rainha. Interpretavam mal suas crescidas esmolas e pintavam como delito sua excessiva caridade. Sua modéstia as punha de muito mau humor, e censuravam-na de que, trazendo-lhe alguma tela preciosa, logo a destinava aos altares. Acusavam-na, enfim, de que pretendia converter o palácio em convento, introduzindo nele algumas devoções que só podiam ser toleráveis nos claustros. Como Clotário não era devoto e estava tão entregue a suas paixões, não podia fazer-se surdo por muito tempo aos gritos da maledicência. Conheceu logo a santa rainha que faziam impressão no coração e no ânimo do rei as murmurações dos cortesãos, apesar de serem tão malignas como injustas. Já não a olhava com os mesmos olhos que antes, nem a tratava com o mesmo respeito carinhoso; prorrompia muitas vezes em queixas e não poucas em ásperas repreensões. À tibieza seguiu-se o desgosto, e atrás deste logo entrou o desprezo. Não se pode explicar o muito que teve de sofrer a santa rainha, não só do rei, mas também dos cortesãos; mas singularmente da parte das damas do palácio, a quem não agradava tanta regularidade na rainha e que desejavam agradar ao rei mais do que fosse justo. Havia conservado sempre nossa santa uma grande inclinação ao retiro. Não era, na verdade, a corte seu elemento, e suspirava continuamente pela solidão. Como não havia tido sucessão, pareceu-lhe que a indiferença do rei lhe facilitaria a licença para retirar-se a algum mosteiro; acabou de determinar-se a esta resolução por um funesto incidente que sucedeu nesse tempo, e foi a morte de um irmão seu, a quem Clotário mandou tirar a vida para assegurar-se mais da coroa da Turíngia. Pediu licença para retirar-se da corte, e conseguiu-a. Partiu em direitura a ver-se com São Medardo, bispo de Noyon e, declarando-lhe seu intento de fazer-se religiosa, pediu-lhe que lhe lançasse o véu. Resistiu o santo, temendo ofender o rei; mas a rainha meteu-se intrepidamente na sacristia da igreja onde se achava, cortou o cabelo e lançou a si mesma o véu. Apresentou-se depois ao santo prelado, que estava diante do altar, e com lágrimas nos olhos suplicou-lhe que não lhe dilatasse a consolação de consagrá-la ao serviço de Jesus Cristo, o qual lhe havia feito a grande mercê de escolhê-la para esposa sua. Enamorado o santo daquela resolução, consagrou-a a Deus como a santa o desejava e até a fez diaconisa. Logo que Radegunda recebeu o hábito monacal, passou a visitar o sepulcro de São Martinho, a quem professava muita devoção. De Tours encaminhou-se a Candes, onde o santo havia morrido, e dali retirou-se a Saix, terra que o rei lhe havia cedido. Em Saix teve notícia de que Clotário pensava voltar a chamá-la; acudiu a Deus com fervorosas orações e com rigorosas

penitências, por cujo meio se conjurou aquela tempestade. De Saix passou a Chinon, para encomendar-se às orações de certo santo solitário e recluso chamado João, e depois foi estabelecer-se em Poitiers, onde fixou sua habitação. Fundou, com licença do rei e com beneplácito de Santo Pientius, bispo de Poitiers, o mosteiro de Santa Cruz, que é hoje um dos mais célebres de todo o reino. À fama de nossa santa acudiram muitas donzelas de todas as partes. Valeu-se da autoridade de rainha e do título de fundadora para excluir-se para sempre de toda espécie de superioridade. Fez nomear por abadessa uma donzela chamada Inês, que havia sido sua aia; pôs-se debaixo de sua direção e, esquecida de ter sido rainha da França, não admitiu outro título que o de humilde serva das esposas de Jesus Cristo.

Por morte de Childeberto, irmão de Clotário, reuniu-se neste todo o poder da monarquia francesa; e, voltando a acender-se em seu coração o amor que havia professado a Radegunda, arrependido de ter consentido em seu retiro, determinou devolvê-la ao trono e à corte. Com este intento, fingiu ter devoção de passar a Tours para visitar o sepulcro de São Martinho, para deixar-se depois cair em Poitiers e apoderar-se da santa rainha. Noticiosa de tudo nossa santa, acudiu a suas ordinárias defesas, a oração, o jejum e as penitências, para conseguir de Deus que mudasse o ânimo de Clotário. Alcançou-o, e São Germano, bispo de Paris, que acompanhava o rei, o fez mudar de resolução. Passou a Poitiers o santo prelado, abençoou a abadessa e assegurou a Radegunda que já não a tornaria a inquietar o rei acerca do estado que havia abraçado.

Tranquila já em seu retiro, não pôs limites a seu fervor. Desprendeu-se de tudo quanto havia possuído, sem reservar coisa alguma. Suas penitências espantavam as mais robustas; trazia um cilício que parecia ouriço, com pontas de ferro; proibiu-se para sempre o uso do vinho, embora fosse permitido às monjas; seu jejum era quase contínuo; seu alimento ordinário, um pouco de pão de centeio, e mesmo deste se privava nos dias de jejum, sustentando-se então de raízes cruas; sua cama era uma esteira estendida sobre umas tábuas, e seu sono nunca passava de duas horas. Não lhe parecendo bastante o cilício para macerar seu corpo, apertava fortemente à cintura uma correntinha semeada de pontas de arame que, inchada a carne, se metiam dentro dela, e foi preciso fazer-lhe uma dolorosa incisão para arrancá-la.

Seu insaciável desejo de mortificar-se crescia à medida que seu amor a Cristo crucificado. Não podia ver a imagem de um crucifixo sem encher-se de uma santa inveja dos mártires, com desejo de padecer todos os tormentos que eles padeceram; nem houve jamais alma mais engenhosa em discorrer arbítrios para afligir-se e macerar-se. Depois de ter não só embotado, mas como que desfeito em seu corpo todos os instrumentos de mortificação, ocorreu-lhe tostar suas delicadas carnes, aplicando-lhes uma cruz de ferro em brasa e uma chapa de cobre penetrada de fogo. O célebre Venâncio Fortunato, que conheceu a santa e lhe faz tão magníficos elogios, assegura que suas penitências eram outros tantos milagres.

É verdade que as suavizavam as doçuras inefáveis das celestiais consolações que derramava Deus abundantemente sobre sua puríssima alma nas íntimas comunicações que tinha com Sua Majestade. Correspondia sua humildade a todas as demais virtudes. Não permitia que outra alguma varresse a casa e não só era enfermeira de suas irmãs, mas parecia criada das enfermas. A nenhum ofício baixo e humilde se negava, e só nos exercícios mais abatidos e mais vis mostrava não sei que ar de majestade e de rainha.

Com a ânsia de que florescesse mais e mais a vida religiosa em sua comunidade, empreendeu a viagem a Arles para receber da mão de seu arcebispo São Cesário a regra que acabava de estabelecer no mosteiro de sua irmã Santa Cesária. Introduziu-a em sua comunidade de Poitiers, a qual enriqueceu também com muitas relíquias, singularmente com um bom pedaço da própria cruz do Salvador, de que a presenteou Justino, imperador de Constantinopla.

Havia já muito tempo que as grandes penitências de nossa santa tinham quebrantado sua saúde quando o Senhor quis, por fim, premiar uma vida tão pura e tão penitente. Apareceu-lhe visivelmente Jesus Cristo estando em oração e, cumulando-a daquelas doçuras inefáveis que são como uma prova ou lampejo dos gozos da glória, deu-lhe a entender que estava muito próxima a sua morte. Pela extraordinária alegria que mostrava em seu semblante conheceu-se a que dilatava seu coração; e, embora a enfermidade que lhe sobreveio parecesse leve, desde logo se temeu tudo o que se podia temer. Somente a enferma estava tranquila; mandou que lhe administrassem os sacramentos, que recebeu com aquela devoção própria das almas extraordinariamente santas. Não apartou mais os olhos de um divino crucifixo, e todas as suas palavras mostravam seu ardente amor ao divino Esposo crucificado. Enfim, no dia 13 de agosto do ano 587, entre as lágrimas e os gemidos de suas queridas filhas, aquela alma inocente foi receber no céu o digno prêmio de suas ilustres virtudes, tendo sessenta e seis anos de idade e quarenta de vida monástica.

Logo que teve notícia de sua morte, São Gregório, bispo de Tours, que a tratou muito particularmente e deixou escrita a maior parte de sua vida, passou a Poitiers e, na ausência de Marovio, bispo daquela cidade, cuidou dos funerais. Foi enterrada com grande solenidade na igreja de Nossa Senhora, que ela mesma havia mandado edificar para sepultura de suas religiosas; e assegura o mesmo São Gregório Turonense que a achou no féretro com um semblante tão formoso e tão resplandecente que parecia estar viva; e acrescenta que duzentas religiosas, que compunham então aquela ilustre comunidade, rodeavam o santo corpo e acompanhavam com uma torrente de lágrimas os funerais que lhe faziam. Pelos milagres que obrou em vida e pelos que se obraram sem cessar em sua sepultura, foi muito depressa honrada com o culto dos santos. Uma pessoa de distinção que havia recobrado a vista por intercessão da santa mandou edificar uma igreja dedicada a seu nome em memória de seu reconhecimento. Suas santas relíquias salvaram-se da pilhagem dos normandos; mas não puderam livrar-se do furor nem da impiedade dos huguenotes, que as queimaram com todas as demais no ano de 1562.

Martirológio Romano

Em Roma, São Hipólito, mártir, que, por ter confessado a fé sob o imperador Valeriano, depois de muitos tormentos, foi atado pelos pés ao pescoço de cavalos bravos, que o arrastaram cruelmente por cardos e abrolhos, em cujo terrível suplício rendeu a alma ao Criador. Com ele padeceram igualmente no mesmo dia Santa Concórdia, sua ama de leite, que morreu antes dele, com o corpo esmagado de chumbadas, e outros dezenove de sua casa, que foram decapitados fora da porta Tiburtina e enterrados com ele no campo Verano.

Em Ímola, a festa de São Cassiano, mártir, que, tendo-se negado a sacrificar aos ídolos, viu seu perseguidor chamar os meninos da escola, que, sendo ele seu mestre, o aborreciam, e conceder-lhes a liberdade de matá-lo; e seu tormento foi tanto mais cruel quanto mais débeis eram as mãos que o martirizavam.

Em Todi, São Cassiano, bispo e mártir sob o imperador Diocleciano.

Em Burgos, na Espanha, Santa Centola e Santa Helena, mártires.

Em Constantinopla, São Máximo, monge, ilustre por sua doutrina e zelo em favor da fé católica, que, disputando com energia contra os monotelitas, perdeu as mãos e a língua por ordem do herege imperador Constante, morrendo por último desterrado no Quersoneso. Pelo mesmo tempo também dois de seus discípulos, chamados Anastácio, e outros muitos foram atormentados de diferentes maneiras e cruelmente desterrados.

Na Alemanha, São Wigberto, presbítero e confessor.

Em Poitiers, Santa Radegunda, rainha, esclarecida em milagres e virtudes.

Perto de Vivonne, no Poitou, São Juniano, recluso, depois abade, o qual foi enterrado em Mairé-l'Évescault.

Em Évreux, São Lulo, bispo.

Em Elwangen, na Suábia, Santo Hariolfo, bispo de Langres, que foi um dos doze santos bispos da França que assistiram ao concílio de Latrão contra os iconoclastas, sob o papa Estêvão IV.

Em Baugé, em Anjou, a venerável Ana de Melun, filha de Guilherme, príncipe de Épinoy, fundadora das hospitaleiras daquela cidade.

Em Milão, o natalício de São Simpliciano.

Na Inglaterra, Santo Higebaldo, abade.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster; ut, sicut de beatæ Radegundis festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi-nos, ó Deus Salvador nosso, e fazei que a espiritual alegria que nos causa a festividade da bem-aventurada Radegunda seja acompanhada de uma verdadeira devoção. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de Isaías.

Isaías 3,16-24

> **Latim:** 16 Et dixit Dominus : Pro eo quod elevatæ sunt filiæ Sion, et ambulaverunt extento collo, et nutibus oculorum ibant, et plaudebant, ambulabant pedibus suis, et composito gradu incedebant ; 17 decalvabit Dominus verticem filiarum Sion, et Dominus crinem earum nudabit. 18 In die illa auferet Dominus ornamentum calceamentum, 19 et lunulas, et torques, et monilia, et armillas, et mitras, 20 et discriminalia, et periscelidas, et murenulas, et olfactoriola, et inaures, 21 et annulos, et gemmas in fronte pendentes, 22 et mutatoria, et palliola, et linteamina, et acus, 23 et specula, et sindones, et vittas, et theristra. 24 Et erit pro suavi odore fœtor, et pro zona funiculus, et pro crispanti crine calvitium, et pro fascia pectorali cilicium.

Português: 16 Ainda disse mais o Senhor: Pois que as filhas de Sião se elevárão, e andará com o pescoço emproado, e lião fazendo acenos com os olhos, e gestos de mãos, passeavão com os seus ruidosos pés, e caminhavão a passo mesurado: 17 o Senhor tornará calva a cabeça das filhas de Sião, e despojallas-ha o mesmo Senhor do seu cabello. 18 Naquelle dia lhes tirará o Senhor o adorno dos calçados, e as luetas, 19 e os collares, e as gargantilhas, e os braceletes, e os garavins, 20 e as barrieras, e as ligas de pernas, e as cadeias d'ouro, e os cheiradoresinhos, e as arrecadas, 21 e os anneis, e os pinjentes de pedras preciosas cahidos sobre a fronte, 22 e os vestidos de reserva, e as charpas, e os volantes, e as agulhetas, 23 e os espelhos, e os delicados lenços, e os listões, o as roupas de verão. 24 E em lugar de suave cheiro terão hediondez, e por cinta corda, e por cabello encrespado calva, e por faxa do peito cilicio.

Nota

«Sempre foi tido na Igreja o profeta Isaías por um dos profetas mais cheios do espírito de Deus. Suas profecias não só são um profético compêndio de todos os mistérios de nossa religião, singularmente de toda a história do Messias, mas nelas se encerram conselhos salutares para todo gênero de pessoas. Sua vida foi santíssima, sua morte gloriosa, muito parecida com a de São João

Batista; porque Manassés, rei de Judá, tão inimigo de Deus como amigo seu pai Ezequias, não podendo sofrer as justas repreensões do santo profeta, mandou-o serrar pelo meio com uma serra de madeira.»

Reflexões

A minúcia e a precisão com que o profeta pinta em seu lugar a vaidade e a profanidade das mulheres de Sião, a vivíssima invectiva que faz contra esta desordem e o rigor com que Deus a castiga mostram bem quão abominável é a seus divinos olhos, tanto em si mesma como nos maus efeitos que produz no Estado e nas famílias. A desordem e a corrupção dos costumes são, a um mesmo tempo, causa e efeito daqueles excessos. Adornam-se as mulheres para agradar aos homens e quase nunca lhes agradam sem abrir em suas almas mortais e penetrantes feridas. «O estudo de parecer bem pela formosura, pela gentileza e pela gala (diz Tertuliano) nunca nasce de uma consciência muito inocente»: *Non de integra conscientia venit studium placendi per decorem, quem naturaliter invitatorem libidinis scimus* (*De cultu fæminarum*). Demasiado sabido é quanto se irrita a paixão à vista da formosura. Em quantos gastos supérfluos empenha a louca paixão das galas e das modas! Quantas baixezas, quantas injustiças, quantas desordens se cometem por ter com que sustentar esses vaníssimos gastos!

A profanidade no vestido é certamente uma vaidade pueril; mas é vaidade de moda. Isto basta para desprezar a moral cristã, por mais que se clame contra ela; zombam dela as mulheres destes tempos e fazem gala de seu desprezo. Não se atrevem a aparecer em público sem brilhar; mal bastam as rendas, os cargos e o tráfico dos maridos para manter seu fausto e sua suntuosidade. Não são de gosto as galas que não custam muito; não poucas vezes um só toucado absorve a renda de todo um ano. Não estão os templos e os altares, para explicar-me na linguagem da sagrada Escritura, tão ricamente adornados como esses animados ídolos da vaidade mundana. Quanto tempo empregam, quanta aplicação e quanto estudo em armar laços à inocência! Que mulher do mundo gasta tantos minutos na oração como perde horas nestes perniciosos artifícios? Pois que maravilha é que um fausto tão irreligioso, uma glória tão néscia e tão ímpia irrite o Senhor, acenda sua justa cólera e, cedo ou tarde, acarrete às famílias aqueles funestos reveses que convertem as galas em melancólico luto?

Elevatæ sunt filiæ Sion, et ambulaverunt extento collo. Ensoberbeceram-se as donzelas de Sião; apresentam-se com garbo, marcham com gentileza, a cabeça levantada, erguido o pescoço, ostentando soberba e presunção em todos os seus movimentos; seus gestos, seus olhares desdenhosos, seu modo de vestir e o refinado estudo de seu adorno, tudo vai mostrando e publicando seu orgulho e sua altivez. *Nutibus oculorum ibant, et plaudebant.* Observa a afetação com que medem seus passos, com que estudam seus meneios, com que manejam o tom da voz e com que regulam como a compasso sua artificiosa postura: *et composito gradu.* Aquele arzinho doce e, ao mesmo tempo, cuidadosamente desdenhoso; aqueles risinhos brandos e cautelosos; até aquele mesmo silêncio, parte lisonjeiro e parte altivo, tudo são laços que armam às almas simples, as quais caem aturdidamente na rede. Mas depressa lhes farei ver (diz o Senhor) quanto abomino

todo esse fausto e aparato, todos esses arzinhos envenenados e toda essa ridícula presunção: *Detestor superbiam Jacob.* «Atendei, mulheres profanas (continua o profeta Isaías), ao estrondo e ao rigor com que Deus há de castigar vosso orgulho.» *Decalvabit Dominus verticem filiarum Sion.* Fará cair esses pós e esses cabelos penteados com tanto esmero e com tanta prolixidade. Ponde os olhos nas caveiras dessas mulheres profanas que vos precederam e são hoje o horror dos cemitérios e o nojo das sepulturas. *Auferet Dominus ornamentum, et lunulas, et torques, et armillas.* Arrancar-vos-á o Senhor esses preciosos pendentes, esse calçado bordado de prata e ouro, esses colares de pérolas, esses ricos braceletes, essas joias de diamantes, essas pochetes de grande preço, com laços distribuídos com tão belo gosto, esse traje pomposo e essas toucas empinadas ou de diferentes alturas: *Et discriminalia, et mitras.* Cosméticos, pedras, boiões, perfumes, joias, espelhos, agora só servis para fomentar um espírito mundano, um fundo de orgulho, uma altivez ridícula, uma formosura passageira, superficial e artificiosa; mas algum dia servireis para mostrar o ridículo daquelas que se apascentam de tão vão como enganoso esplendor; e, depois que fostes matéria de sua vaidade e objeto de suas complacências, sereis assunto de suas lágrimas, de sua vergonha e de seu desespero. Queira o céu que estas reflexões não sirvam para acrescentar o cúmulo à iniquidade e à reprovação das que as lerem.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,7-8

> **Latim:** 7 Illis autem abeuntibus, cœpit Jesus dicere ad turbas de Joanne : Quid existis in desertum videre ? arundinem vento agitatam ? 8 Sed quid existis videre ? hominem mollibus vestitum ? Ecce qui mollibus vestiuntur, in domibus regum sunt.

Português: 7 Elogo que elles se forão, começou Jesus a fallar de João às gentes: Que sahisteis vós a ver no deserto? huma cana agitada do vento? 8 Mas que sahisteis a ver? hum homem vestido de roupas delicadas? Bem vedes que os que vestem roupas delicadas, são os que assistem nos palacios dos reis.

Meditação

Da vida delicada

Primeiro ponto

Considera que a vida delicada e regalona, pela qual parece que hoje se distinguem as pessoas do mundo, é a que faz maior o número de réprobos. Certamente, ao considerar quais são hoje as principais ocupações das mulheres do mundo, justamente se pode perguntar se a vida ociosa e delicada se tem por vício entre os cristãos. Reuniões de ociosidade, visitas inúteis, conversações sem substância, entretenimentos frívolos, jogos e diversão, passeios, espetáculos, passatempos: nisto se passa quase toda a vida das mulheres profanas; pelo menos, até que um revés de fortuna, a idade e os desgostos as condenem ao retiro; e ainda então uma ociosidade enfadonha e preguiçosa vem encher o vazio de uma fanática delicadeza. Os últimos dias da vida são mais tristes e nebulosos, mas não menos vazios. Estão ociosas por necessidade, depois de o terem estado por gosto. Parece que as riquezas, a distinção, os títulos e os cargos dão direito de perder o tempo; e até o maior cuidado que de ordinário ocupa este gênero de pessoas é a inquietação que lhes causa o não saber em que perdê-lo. O sono da noite, que se alonga até bem entrada a manhã, é, por assim dizer, sua primeira ocupação; a esta delicadeza sucede o cuidado e o tempo que empregam em vestir-se; acode-se à última missa, como ao sítio onde concorre àquela hora a gente ociosa e delicada; o tempo que resta até comer gasta-se em visitas e em cumprimentos. À mesa segue-se uma conversação pesada, sonolenta e, de ordinário, sem substância, que supre alguns intervalos de repouso, os quais sempre desagradam aos que têm pouco sossegada a consciência, até que chega a hora de fazer ou de receber as visitas da tarde. Então se formam as rodinhas, ajustam-se as diversões e tornam a representar-se aquelas cenas diárias e privadas em que todos se divertem, enganando-se e zombando uns dos outros. Excitam-se aquelas enfadonhas conversações, que são todas sobre bagatelas, sendo seu sal a murmuração e todo o seu fundo a inutilidade. Aventuras galantes, contos chistosos, mexericos do povo, reflexões pueris sobre as modas e sobre os vestidos; novos projetos de diversão, novas delicadezas para conservar a saúde; lastimosa censura acerca da reforma e da vida exemplar das pessoas virtuosas; crítica atrevida, sem conhecimento, sem juízo e sem religião; ditos agudos, de ordinário pouco inocentes e menos honestos; zombarias sem graça. Esta é toda a mais séria ocupação da gente brilhante, das pessoas de distinção, ou, para melhor dizer, do mais mundano que se encontra numa cidade; porque nestas assembleias da ociosidade não há que esperar outras conversações nem mais sólidas nem mais úteis. Faz-se a análise de um toucado, a apologia de uma moda e o panegírico de um jogo de nova invenção. As que não têm espírito de graça para sustentar umas conversações tão descarnadas suprem-no, a seu parecer, com a ostentação e a magnificência das galas e dos trajes. Entre os homens, uns, contentes com fazer o papel de assistir às rodinhas, ficam duas ou três horas sem falar palavra; outros contribuem para a conversação com seus modos afetados ou com sua grosseria; depois procura-se alegrar aquela enfadonha ociosidade com o jogo, com a comida, com o baile e com os espetáculos. Nisto se ocupam e nisto se empregam os dias daquelas pessoas que fazem profissão de cristãs, isto é, de seguir uma religião que condena até a menor palavra ociosa, que indispensavelmente pede a todos os seus professores uma vida inocente, mortificada, laboriosa e uma regularidade de costumes tão exemplar que não sofra o menor relaxamento. Junta estes dois extremos e compõe, se podes, a espantosa contradição que se encontra entre o que se crê e o que se faz. Que deliciosa seria a religião cristã, se se salvassem os que assim vivem nela!

Segundo ponto

Considera que a vida delicada e demasiadamente regalona é um dos sinais menos duvidosos de reprovação. Ainda quando se tenha só uma leve tintura de nossa religião, quem pode ignorar a severidade com que reprova a ociosidade e a vida inútil? O céu só se dá aos adultos a título de recompensa e nunca foi salário de preguiçosos. Em matéria de costumes, todos os oráculos de nossa religião são discretos. «Quem não leva cada dia a sua cruz, *quotidie*, diz o Salvador, em vão se lisonjeia de ser meu discípulo.» «Velai, orai sem cessar, apressai-vos, não tomeis repouso, esforçai-vos por entrar pela porta estreita do céu: *contendite*; sem isso correreis muito perigo de não entrar, mesmo vós, a quem eu escolhi para apóstolos meus: *contendite*. Se não fizerdes contínua violência a vós mesmos para chegar a tempo, já não achareis lugar.» Era pura, era irrepreensível a vida daquelas virgens que se descuidaram de fazer sua provisão; esta só falta de providência, efeito de sua preguiça e de sua ociosidade, bastou para privá-las eternamente da presença de seu divino Esposo e para que incorressem em sua desgraça. Não perdeu seu talento o servo preguiçoso e ocioso; antes o guardou com o maior cuidado: *abscondit talentum suum in terra.* Contudo, porque não negociou com ele, é condenado como servo inútil: *inutilem servum ejicite in tenebras exteriores.* «O caminho é longo e o tempo breve», diz o Apóstolo; contados estão todos os dias; a perda de um só é irreparável. Falemos claro: far-se-ia agravo à maior parte dos mundanos em perguntar-lhes se é este o Evangelho que professam? Certamente, ao considerar estas verdades e ao pôr os olhos, por outra parte, naquela mulher mundana cujos dias todos são de festa e de diversão para ela; naquelas gentes delicadíssimas que vivem entregues a uma eterna ociosidade; ao considerar a vida inútil e regalona de que tanto se prezam e que é tão aplaudida; cotejando-a com a de uma Santa Radegunda, com a de uma Santa Francisca, com a de um Santo Eduardo, com a de um São Luís, não dá vontade de perguntar se os fiéis que estão dentro de uma mesma Igreja seguem a mesma religião e se todos os que dizem ser desta mesma religião abraçam um mesmo Evangelho? As pessoas de distinção, os homens ricos, essas damas jovens tão embebidas no espírito do mundo, esses públicos sectários de todo gênero de passatempos gozam algum privilégio particular que os isente da lei universal e daquelas obrigações indispensáveis a todos os cristãos? Mas, se ninguém está dispensado, aqueles que creem as verdades de nossa religião e que vivem tão delicada e tão ociosamente usam de sua razão e de seu juízo? E, depois disto, admiraremo-nos de que sejam tão poucos os que se salvam e de que seja tão pequeno o número dos escolhidos? Mas esta vida ociosa e regalona encontrar-se-á unicamente no século? Não penetrará talvez até os claustros religiosos? Nova matéria de reflexões e de tristes sobressaltos para muitos.

Meu Deus, pois que por vossa infinita misericórdia vos dignastes descobrir-me o precipício a que me conduz o largo caminho por onde ando, há tanto tempo, sem conhecer o perigo, dignai-vos conceder-me a graça de que quanto antes me retire dele, entrando desde logo pelo estreito caminho que guia direto ao céu. Conheço já que não é vida cristã a vida delicada e, desde este mesmo ponto, a detesto, começando a viver como corresponde à religião que professo.

Jaculatórias

> *Averte oculos meos ne videant vanitatem: in via tua vivifica me.* Sl 118.

Apartai, Senhor, meus olhos e meu coração da vaidade do mundo e dai-me alento para seguir vossos caminhos.

> *Qui autem sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis.* Gl 5.

Igualmente conheço, meu Deus, que não posso ser de Jesus Cristo se não crucifico a carne com seus vícios e concupiscências.

Propósitos

1. Nunca foi vida cristã a vida delicada; antes, é presságio e causa da reprovação. Mas que pecado é não trabalhar quando o nascimento, a classe e a distinção não nos obrigam a isso? Lindamente! E não nos impõe essa obrigação a profissão de cristãos? Perguntas que pecado é passar uma vida inútil? E eu te pergunto se essa mesma inutilidade de uma vida ociosa não será muito repreensível em quem tem obrigação de não perder nem um só momento. Que maior mal que aquele que é a origem, ou ao menos a ocasião, de todos os males? Que mal havia feito aquele servo preguiçoso do Evangelho, que foi condenado só porque nada havia feito? Quem ignora que num cristão é delito a própria inutilidade da vida? Oh, Senhor, que nada se faz bem! E estamos neste mundo, e Deus nos criou nele para fazer nada? Fez-te Deus grande, deu-te mais bens que a outros, para que vivesses delicadamente ocioso? É certo que no cristianismo as condições são diferentes, mas os preceitos são os mesmos para todos. É certo que uns têm mais tempo que outros; mas também o é que a ninguém se deu o tempo para que o malogre. Aquela figueira que não deu mais que folhas foi amaldiçoada pelo Senhor, sendo assim que ainda não era tempo de dar frutos. Nada hás de temer tanto como a ociosidade e a delicadeza; pelo que hás de procurar que nenhum de teus dias fique vazio.

2. Tem presente aquela mulher forte, tão distinguida por seu nascimento como por sua virtude, que tanto louva o Espírito Santo; e observa que o elogio que faz dela principalmente, ou quase todo ele, se reduz a dizer que nunca esteve ociosa. Bem pode alguém fazer que outros o sirvam, mas ninguém pode servir a Deus por outro; quanto mais tempo se tem, mais prendem as obrigações do estado, as leis da caridade e os preceitos da lei; é muito desigual a distribuição dos talentos, mas em todos é igual a obrigação de negociar com os que tiver. Impõe-te uma lei de nunca estar ocioso; estejas em tua casa ou na alheia, nunca percas tempo. As senhoras de maior esfera costumam ter o gosto de trazer sempre entre mãos algum trabalho; mas as mulheres de baixa condição, se alcançam algumas comodidades, creem que se vulgarizariam se as vissem trabalhar. Ocupa-te sempre em algum trabalho ou em ler livros espirituais. O Espírito Santo louva a mulher forte porque se ocupava em fiar, quando lho permitia o cuidado da família. Não faças mais

visitas que as que pedem a caridade, a obrigação e a urbanidade: as mais longas são sempre as mais molestas e as mais perniciosas. Tem horas assinaladas para tuas devoções e tempo destinado para exercitar-te em boas obras. É razão que tenhas também algum para recrear o ânimo; mas lembra-te de que nunca deves estar ocioso.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:24 by Admin